

O DUQUE DE VISEU

Drama em 5 actos, em verso, de HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA. Publicado em 1886.

Representado pela primeira vez no Teatro Nacional em 19 de Março de 1886.

[...]

5 cenas: sala dos paços reais de Évora (1.º acto); sala nas casas do arcebispo, em Santarém (2.º acto); gabinete de El-Rei, nos paços de Santarém (3.º acto); gabinete no Castelo de Palmela (4.º acto); casa do guarda-roupa do palácio de Setúbal (5.º acto). 1483-1484.

Perante a consternação da corte, D. João II manda executar o duque de Bragança, a quem acusa de conspirar contra si. Mas poupa a vida ao duque de Viseu, cúmplice daquele, e irmão da rainha D. Leonor, por amor a esta. O duque de Viseu, porém, com o apoio do bispo de Évora e outros fidalgos, não desiste de lutar contra o cunhado, a quem declara «guerra e morte» pelos seus desmandos e crueldade. D. Leonor pede a intervenção da mãe, a infanta D. Beatriz, no sentido de esta dissuadir o duque do seu intento, o que D. Beatriz interpreta como o desejo de a filha se apegar ao poder. O duque tem uma amante, Margarida, cujo irmão, Diogo Tinoco, diz querer vingá-la, matando quem a desonrou. Margarida revela-lhe, porém, os planos do duque, que, se forem coroados de êxito, a conduzirão ao trono, favorecendo assim as ambições do irmão. Este, disfarçado de frade, procura D. João nos paços de Santarém e denuncia a conjura urdida contra o rei. Margarida, receosa pela vida do amante, pede à rainha que evite o que está para acontecer. O duque introduz-se no paço e prepara-se para apunhalar o rei, mas é impedido pela irmã, conseguindo escapar sem que seja descoberto. D. João manda um mensageiro chamá-lo ao paço. Margarida tenta evitar que ele acuda ao chamamento do rei, mas a infanta-mãe diz-lhe que o seu dever é partir. Em vão D. Leonor apela para a clemência do monarca. Este manda encerrá-la nos seus aposentos. E quando o duque vem à sua presença, D. João pergunta-lhe de chofre: «Que faríeis a quem vos quisesse matar?». «Matava-o primeiro», respondeu o duque. «Como juiz e réu proferiste a sentença», conclui D. João, que acto contínuo lhe crava um punhal no coração. Como louca, Margarida irrompe no palácio e suicida-se ao ver o cadáver do amante, depois de assassinar o irmão e amaldiçoar o rei e a sua descendência. E D. João, a terminar o drama, interroga-se: «Serei acaso enfim o rei de Portugal?»

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 192-193.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.